

O EDIFÍCIO DA BIBLIOTECA DE MARINGÁ E SUAS REFERÊNCIAS PROJETOAIS¹

MARINGÁ MUNICIPAL LIBRARY BUILDING AND ITS DESIGN REFERENCES

EL EDIFICIO DE LA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MARINGÁ Y LAS REFERENCIAS PROYECTIVAS

1º AUTOR

ROSA, Vanessa Calazans da; Arquiteta; Mestre em Arquitetura e Urbanismo; Universidade Estadual de Maringá; Maringá; Brasil; vcalazansrosa@gmail.com

2º AUTOR

REGO, Renato Leão; Arquiteto; Doutor; Universidade Estadual de Maringá; Maringá; Brasil; rlrego@uem.br

¹ Este artigo é resultado da dissertação de Mestrado “O Edifício da Biblioteca Municipal de Maringá: Arquitetura e referências projetuais” com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise formal do edifício que abriga a biblioteca municipal de Maringá/PR, buscando suas referências projetuais. Compreender como se deu a incorporação das ideias de arquitetura das metrópoles no contexto da modernização das pequenas e médias cidades do interior do país é de extrema relevância para o seu entendimento. O edifício, inaugurado em 1975, está referenciado na arquitetura moderna, mais especificamente na estética do concreto aparente, fazendo ressoar a produção de arquitetos paulistas e curitibanos do período pós-Brasília. Como método, será analisado o meio social, o contexto físico, os aspectos simbólicos, os funcionais e a solução formal para mostrar a configuração de uma arquitetura híbrida.

Palavras-chave: Circulação de ideias; Arquitetura moderna; Arquitetura de Maringá.

ABSTRACT

This paper analyses the formal aspects of the Maringá Municipal Library building, seeking its design references. The comprehension of the metropolitan architecture ideas incorporated in small and medium cities hinterlands is very important when urban modernization is taken into account. The building, inaugurated in 1975, is a referenced in the modernist architecture, specifically for its *béton brut* aesthetics, which resonates with the works of architects from São Paulo and Curitiba in the post-Brasília period. Thus, the analysis method focused on social environment, physical context, symbolic and cultural contexts, functional issues, and formal solution. These criteria demonstrate the configuration of a hybrid architecture.

Key-words: Architecture diffusion; Modern architecture; Architecture from Maringá.

RESUMEN

Este trabajo presenta un análisis formal del edificio de la Biblioteca Municipal de Maringá, buscando sus referencias proyectivas. Comprender cómo se incorporaron las ideas de arquitectura de las metrópolis en el proceso de modernización de las ciudades pequeñas y medianas en el país es muy importante para su comprensión. El edificio, inaugurado en 1975, tiene referencias en la arquitectura moderna, específicamente en la estética del hormigón a la vista, reverberando la producción de Sao Paulo y Curitiba del período posterior a Brasilia. Como método, se analizará el entorno social, el contexto físico, los aspectos simbólicos, solución funcional y formal para mostrar la configuración de una arquitectura híbrida.

Palabras clave: Circulación de ideas; Arquitectura moderna; Arquitectura de Maringá.

O EDIFÍCIO DA BIBLIOTECA DE MARINGÁ E SUAS REFERÊNCIAS PROJETUAIS

INTRODUÇÃO

Este artigo busca identificar as referências da arquitetura moderna que foram apropriadas e transformadas no edifício sede da Biblioteca Municipal de Maringá, inaugurada em 1975, com projeto do engenheiro Luty Vicente Kasprowicz, essa edificação também abrigou a sede da Secretaria de Educação e Cultura. Maringá é uma cidade nova planejada no norte do Paraná fundada em 1947. Além dessa, outras cidades da região foram fundadas no contexto das frentes pioneiras de colonização agrícola do estado, que tinham na produção da arquitetura moderna a materialização do progresso e da modernização (REGO, 2012). O norte do Paraná teve um enriquecimento rápido graças ao mercado favorável da produção cafeeira, e seu acelerado desenvolvimento se apoiou na rede de cidades planejadas e na infraestrutura implantada por uma empresa privada de colonização (REGO, 2009; LUZ, 1997). As cidades planejadas eram um sinal de progresso através do seu traçado urbanístico e da arquitetura de alguns de seus edifícios. Isso fez com que a região fosse o destino de vários arquitetos e engenheiros oriundos de centros como São Paulo e Curitiba (REGO, 2012). Esses profissionais levaram consigo noções e práticas da arquitetura moderna do Brasil (REGO, 2012), incorporando, portanto, aspectos metropolitanos à paisagem urbana do interior.

O edifício para a sede da biblioteca é um destes casos. Construído no centro de Maringá, projetada de acordo com os princípios formais da cidade jardim, o edifício faz ressoar a arquitetura do concreto aparente, evidenciada pelo brutalismo paulista. Seu projeto é de autoria do engenheiro curitibano que migrou para o norte do estado movido pela urbanização promissora. Estimulado pelo contato pessoal e os laços familiares com o arquiteto Vilanova Artigas, Kasprowicz lançou mão, à sua maneira, de certos aspectos da

arquitetura moderna de linha paulista, como o uso de concreto aparente e a flexibilidade espacial. No entanto, a análise do projeto, revela particularidades de diferentes origens.



Figura 1: Biblioteca Municipal de Maringá. Fonte: Acervo da autora, julho de 2015.

Segundo Canclini (2013) a viagem das ideias e as especificidades culturais acabam conformando uma troca de experiências que pode gerar uma “cultura híbrida”. Nesse processo de hibridação ocorre uma série de operações de seleção de elementos de diferentes origens que são articulados (CANCLINI, 2013). Alguns autores identificaram mecanismos da circulação de ideias de arquitetura e urbanismo pelo interior do Brasil. Para Segawa (2002), as revistas de arquitetura, ou relacionadas a esse tema, que circularam no país entre 1950 e 1960, constituíram um importante veículo para a difusão da arquitetura moderna. Essas revistas também contribuíram para elevar o prestígio da profissão, refletindo na demanda de profissionais da área. Esse fato teve como consequência a criação de várias escolas e cursos de arquitetura no interior do país, resultando em uma linguagem comum e fazendo com que o jovem arquiteto migrante fosse o principal agente de modernização (SEGAWA, 2002, p. 131).

Para Bastos e Zein (2010, p. 142) a migração desses arquitetos para o interior do Brasil, a fim de atuar na atividade docente e/ou em projetos realizados em diferentes estados ou regiões, por meio de convites ou concursos, bem como a divulgação dessas obras, geraram uma teia de referências cruzadas. Logo, “foi essa produção mais híbrida que teve manifestações Brasil a fora na década de 1970, encarnando, na época, a continuidade da arquitetura moderna brasileira” (BASTOS e ZEIN, 2010, p. 142). Com o deslocamento dos

profissionais e o aparecimento das novas escolas de arquitetura, é possível identificar a viagem das ideias que partiam das metrópoles em direção ao interior do país, em um processo que Segawa (2002, p. 134) descreve como uniformização de valores culturais e técnicos de arquitetura.

Entretanto, as ideias modernas não foram apenas incorporadas. Em um estudo sobre residências em Maringá, Delmonico (2010) notou a adaptação do vocabulário formal moderno, considerando que a cidade está situada em uma região de “fronteira”. Esse conceito é entendido como um local de encontro de várias culturas, com permeabilidade social e cultural, além de troca de experiências (DELMONICO, 2010, p. 13).

Nesse sentido, a fronteira é uma zona de articulação entre diferentes culturas, etnias, povos e modos de vida que deseja e enseja o contato e a transculturação. A sua riqueza consiste em possibilitar os processos de intercâmbios entre os homens, e entre os homens e o meio em que vivem (SCHERER JÚNIOR e CHIAPPINI, 2011).

Assim, a fronteira constitui o local onde ocorre o encontro cultural (DELMONICO, 2010, p. 28) e, portanto, a mistura e fusão de mundos distintos, sendo essencialmente “híbrida e mestiça” (DELMONICO, 2010, p. 29).

Sabendo disso, faz-se necessário compreender como se deu a incorporação das ideias de arquitetura metropolitana em Maringá, quais elementos foram aceitos, transformados ou rejeitados nesse processo, bem como as implicações desta arquitetura na formação da paisagem urbana da cidade. Tendo o projeto para a biblioteca municipal como exemplo físico deste fenômeno. Para tanto, este artigo está dividido em duas partes. A primeira trata da formação do engenheiro Kasprowitz, autor do projeto, baseada no estudo de sua biografia e na entrevista realizada em 2014, importante para identificar suas referências e seu modo de projetar. A segunda parte trata da análise do projeto para a biblioteca, reconhecendo as ideias e práticas projetuais provenientes das referências cruzadas de arquitetura.

Parte de uma dissertação de mestrado, concluída em 2016, esta análise arquitetônica será pautada pela avaliação de cinco variáveis projetuais - (1) contexto físico; (2) formalização do uso; (3) simbolismo cultural e ideológico; (4) meio social e (5) arquitetura como forma - elaboradas por Juan Pablo Aschner Rosselli (2009) a partir do célebre texto de Christian Norberg-Schulz, “*Intentions in architecture*”. Segundo o autor, essas variáveis condicionam

a forma do edifício e determinam o processo de projeto, além de também poderem ser utilizadas para crítica de obras arquitetônicas.

O ENGENHEIRO LUTY VICENTE KASPROWICZ

O engenheiro Luty Vicente Kasprowicz formou-se pela Escola de Engenharia da Universidade Federal do Paraná em 1955, onde foi aluno de Rubens Meister, Romeu Paulo da Costa, Paulo Augusto Wendler e Ralph Jorge Leitner, integrantes da comissão que criou o Curso de Arquitetura e Urbanismo em 1962 na mesma instituição. Na escola de engenharia cursou disciplinas como desenho a mão livre e desenho técnico, na primeira e segunda série respectivamente e, para a conclusão do curso, defendeu um projeto na disciplina de Construção Civil e Arquitetura. Além disso, Kasprowicz estagiou com o arquiteto Ayrton “Lolô” Cornelsen entre 1952 e 1955. Na época, Cornelsen já era conhecido por seus projetos de casas modernas em Curitiba.

Segundo Pacheco (2010), Cornelsen é dono de uma obra diversificada seguindo as formas da escola moderna carioca. Em 1945, o arquiteto pôde construir a primeira residência moderna, sua própria casa de campo com telhado borboleta. Em 1948, projetou sua segunda residência, em terreno com acentuada declividade que levou à divisão do programa em dois níveis. No nível da calçada havia um terraço curvo, acompanhado do programa principal da casa. No nível inferior, recuado em relação ao superior e com pilotis corbusianos, estavam os espaços de lazer e dos empregados. A partir de 1956, Cornelsen se tornou Secretário de Transportes do Governo do Paraná. Com isso, no mesmo ano, coordenou o plano urbano de *Puerto Stroessner* (DUDEQUE, 2001), atual *Ciudad del Este*, única cidade nova planejada do Paraguai no século XX inaugurada em 1957. Em 1958, Cornelsen projetou o edifício sede do Departamento de Estradas de Rodagem DER-PR, que constitui “uma lâmina corbusiana de sete pavimentos, apoiada sobre colunas cilíndricas colossais” (PACHECO, 2010, p. 34).

De acordo com Kasprowicz, a experiência como estagiário de Cornelsen contribuiu para o seu aprendizado sobre arquitetura moderna:

[...] acho que foi no começo do 3º ano [...] apareceu um arquiteto em Curitiba que começou com aquela arquitetura. Curitiba não tinha construção moderna, era tudo

clássico naquela época e ele apareceu e começou a projetar umas obras completamente diferentes. Então, eu passeando e visitando aquelas obras lá, engraçado, do dia pra noite eu resolvi trabalhar em arquitetura (KASPROWICZ, 2014).

Depois da sua formatura, Kasprowicz foi convidado pelo então prefeito, e seu sogro, Inocente Villa Nova Júnior (1953-1956), para ocupar o cargo de engenheiro da Prefeitura Municipal, chegando a Maringá em maio de 1956. O engenheiro permaneceu nesse cargo por um ano, estabelecendo paralelamente escritório particular de arquitetura e engenharia.

No mandato do prefeito Adriano Valente (1969-1972), Kasprowicz retornou à prefeitura como Secretário de Obras, quando realizou vários projetos públicos, como o Centro Esportivo do Jardim Alvorada, da Zona 3 e da Zona 5; o Tiro de Guerra; o Necrotério, recentemente demolido; a Praça 7 de Setembro; além de escolas e creches. Em paralelo, desenvolveu projetos privados em seu escritório: reformas, residências, clínicas médicas e edifícios verticais de uso misto.

Sua postura projetual, por vezes, seguia os aspectos da arquitetura moderna, que transparecia nos projetos públicos ou privados. Em relato, Kasprowicz (2014) afirmou que, a princípio, a população maringaense não estava totalmente habituada à estética de sua obra.

Assim como Cornelsen em Curitiba, Kasprowicz também realizou uma obra bastante diversificada em Maringá. Observam-se obras que apresentam a racionalidade moderna, com volumes puros e modulação regular e ortogonal. Enquanto outras possuem formas não ortogonais, como os centros esportivos, que constituem edificações com liberdade de composição, misturando linhas retas, inclinadas e curvas, soltas em terrenos de grandes proporções. Essa variedade de soluções expressa uma busca por criatividade do engenheiro.

Kasprowicz foi casado com a médica Thelma Villa Nova Kasprowicz, filha do prefeito Villa Nova e prima do arquiteto curitibano João Batista Vilanova Artigas. Devido às relações familiares, o engenheiro se encontrou com Artigas em São Paulo para conversar sobre arquitetura e visitar obras, como o edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e a sede do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-SP), onde conheceu arquitetos como

Paulo Mendes da Rocha e Eduardo Kneese de Mello. Kasprowicz (2014) narra que ambos os arquitetos vieram a Maringá a seu convite para proferir palestras.

O Artigas é primo-irmão da minha esposa. E eu fui lá uma vez a São Paulo e fui fazer uma visita pra ele. Aí, ele já me levou no Instituto dos Arquitetos do Brasil, me apresentou toda aquela turma lá. Ele era muito querido e muito ligado com os arquitetos, e sempre que tinham alguma coisa, à vontade, me convidavam pra eu ir (KASPROWICZ, 2014).

Portanto, o engenheiro manteve contato com a arquitetura produzida em São Paulo entre as décadas de 1960 e 1970. Além disso, pouco antes de executar o projeto da biblioteca, Kasprowicz participou de alguns seminários e conferências de arquitetura e urbanismo: em 1962, II Mesa Redonda Pan-americana de Arquitetos, em São Paulo, cujo tema foi Mercado Comum Latino-Americano de Materiais de Construção; em 1972, I Encontro Nacional da Construção, em São Paulo, e VII Convenção Nacional de Engenheiros, em Curitiba; em 1976, III Encontro Nacional da Construção, em Porto Alegre; no ano seguinte, Seminário de Política Urbanística do Brasil, realizado pela Universidade Estadual de Maringá; e em 1984, VII Encontro Nacional da Construção, em Curitiba.

Kasprowicz (2014) relata ainda que assinava várias revistas de arquitetura e construção, inclusive internacionais, cujos títulos não se lembra. É importante ressaltar que a repercussão internacional dessa produção trouxe um “reconhecimento social inédito” para os arquitetos, resultando em uma apropriação de elementos formais dessa arquitetura como “modismo”, especialmente nas cidades que cresciam nos anos 1950 e 1960 e se tornaram “verdadeiros repositórios dessa arquitetura imitativa - às vezes alcançando resultados agradáveis ou, no mínimo, toleráveis”.

Assim, o que Kasprowicz aprendeu sobre arquitetura moderna com Cornelsen, seus amigos de São Paulo, sua participação em congressos e conferências nacionais e internacionais e as revistas de arquitetura e construção, se complementou com as inúmeras viagens que fez pelo Brasil e para outros países, criando um repertório suficiente para a produção de um conjunto arquitetônico diversificado em Maringá.

ANÁLISE DO PROJETO PARA A BIBLIOTECA E A SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

O edifício para a biblioteca foi encomendado pela Prefeitura de Maringá durante a gestão do prefeito Silvio Barros (1973-1976) e construído pela empresa local Construtora Cruzeiro do Sul, sendo inaugurado em 30 de novembro de 1975. Antes disso, o acervo do município ocupava uma sala comercial alugada no centro da cidade.

O terreno - àquela época, o único disponível para a construção da biblioteca próximo ao centro cívico - possui formato retangular de 40 por 16 metros, localizado no cruzamento das avenidas Getúlio Vargas e XV de Novembro. A Avenida Getúlio Vargas encontra-se paralela à linha norte-sul e ao lado menor do terreno, enquanto o lado maior desenvolve-se na direção Leste-Oeste ao longo da Avenida XV de Novembro, diante da praça cívica municipal, a sul, com vista para a Catedral inaugurada em 1977. A variação da topografia corresponde a aproximadamente 90 cm de desnível na extensão dos 40 m, sendo a lateral oeste a mais alta, com a cota $\approx 547,8$ m, e a divisa com o vizinho, na face oposta leste, na cota $\approx 546,9$ m.



Figura 2: Esquema de acessos e de ocupação da biblioteca no terreno. Fonte: Elaborado pela autora.

A biblioteca está implantada de maneira a ocupar toda a extensão do terreno na direção Leste-Oeste. O maior recuo se encontra a norte, enquanto a sul, o pavimento térreo está no alinhamento predial e os pavimentos superiores estão em balanço, avançando sobre a calçada. As entradas ocorrem através das duas vias: na Avenida XV de Novembro se encontram os acessos à biblioteca e ao foyer do auditório; o acesso pela Avenida Getúlio Vargas ocorre junto à escada externa, que constitui a circulação vertical pública entre os três pavimentos da edificação.

O subsolo deveria abrigar garagem de automóveis e depósito de livros, mas a rampa de veículos nunca foi construída. No térreo, estão a biblioteca, o foyer e o auditório; os pavimentos superiores abrigariam a futura expansão do acervo. Todos os pavimentos possuem solução em planta livre, com sanitários e escada de serviço locados junto ao limite norte do terreno.

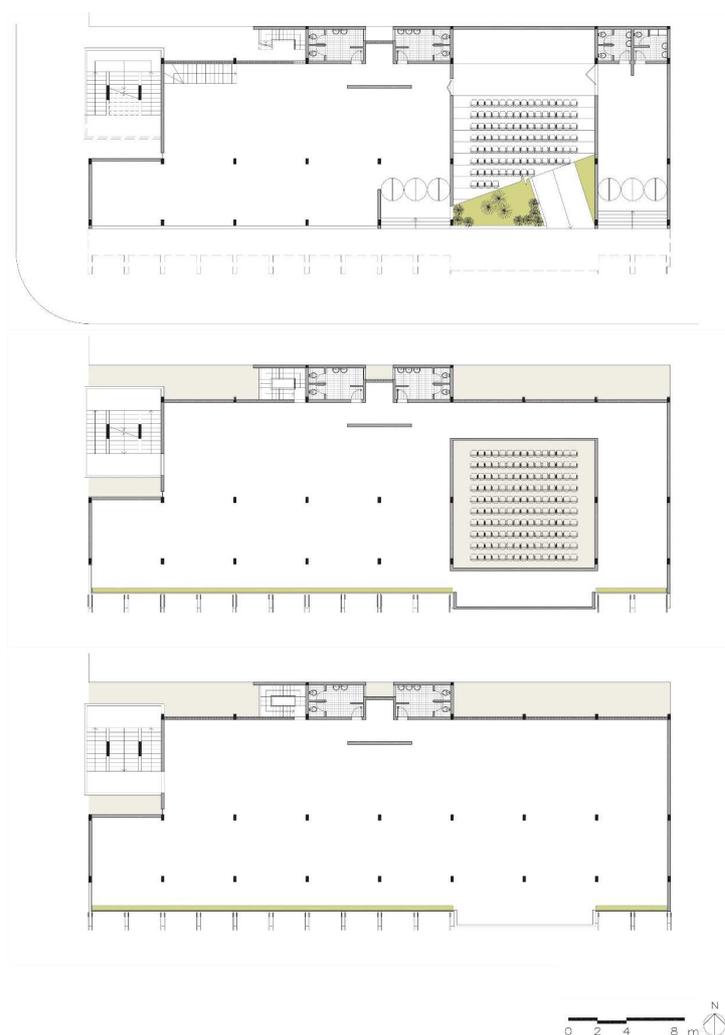


Figura 3: Plantas do térreo, primeiro e segundo pavimento. Fonte: Redesenho elaborado pela autora com base em projeto legal da prefeitura, 2014.

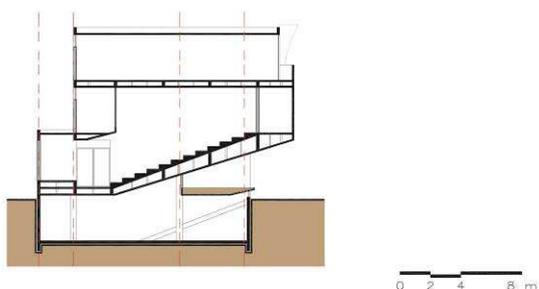


Figura 4: Corte transversal. Fonte: Redesenho elaborado pela autora com base em projeto legal da prefeitura, 2014.

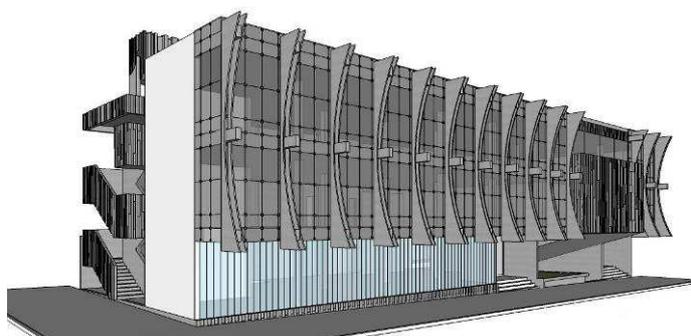


Figura 5: Perspectiva. Fonte: Redesenho elaborado pela autora com base em projeto legal da prefeitura, 2014.

Na face sul, o térreo possui fechamento em vidro translúcido *U-glass* e os pavimentos superiores compõem um volume em balanço com fechamento em vidro fumê. A fachada recebeu brises verticais de concreto nos pavimentos superiores, espaçados do pano de vidro contínuo, além do volume em concreto do auditório, cuja inclinação da plateia cria um balanço sobre o jardim e o espaço destinado à rampa não construída de acesso ao subsolo.

A estrutura é um sistema porticado de concreto armado, com lajes nervuradas tipo caixão-perdido apoiadas sobre pilares, à maneira Dom-ino. Há uma modulação de pilares com vãos entre eixos de 4,975 m por 4,25 m e 6,95 m. A modulação é interrompida no interior do auditório, que ocupa dois vãos, e no volume da escada externa, de estrutura independente também em concreto armado. Esses dois elementos destacam-se do prisma retangular de

horizontalidade acentuada que caracteriza o edifício, e tem suas independências reforçadas através do uso de materiais distintos aos do volume principal.

O concreto aparente foi utilizado em elementos de diferentes funções, não apenas estruturais, mas também na escada, no auditório, na caixa d'água e na soclo. Essas superfícies receberam um desenho geométrico em baixo relevo, replicado nos painéis de madeira internos do auditório, enquanto nos brises verticais instalados nos pavimentos superiores o concreto aparente é liso.

A modulação regular da estrutura continua na composição da fachada sul por meio do posicionamento desses brises, sendo interrompida apenas pelo volume do auditório, que ocupa o espaço de dois módulos. Na fachada oeste, uma parede cega - com verticalidade acentuada e mesma largura que a distância entre pilares - separa a escada externa do volume em balanço dos pavimentos superiores.

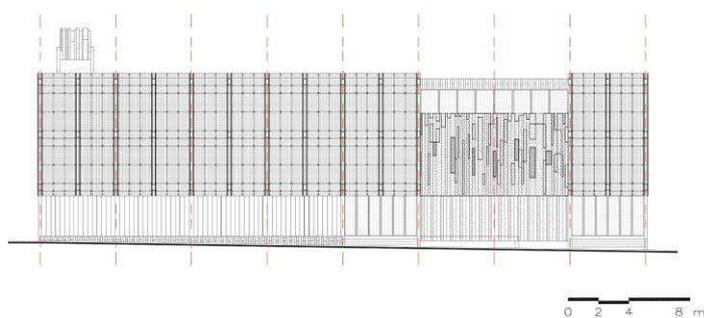


Figura 6: Elevação frontal. Fonte: Redesenho elaborado pela autora com base em projeto legal da prefeitura, 2014.

2.1 MEIO SOCIAL

O norte do Paraná teve uma ocupação planejada pela colonização sistemática e urbanização deliberada. O aspecto inovador da paisagem urbana de Maringá, projetada pelo urbanista Jorge de Macedo Vieira em 1945-47, resultava da incorporação e síntese de elementos do urbanismo moderno, como aspectos formais do ideário *garden city* e noções físicas do movimento *city beautiful* (BONFATO, 2003). Nesse contexto, Maringá acabou se tornando “o destino de muitas pessoas e famílias, provenientes de diversas localidades do país à procura de novas oportunidades” (DELMONICO, 2010, p. 26).

No começo dos anos 1950, a companhia colonizadora, assim como empresas locais e forâneas, levaram profissionais de prestígio, particularmente arquitetos e engenheiros estabelecidos em São Paulo, para projetar suas edificações na cidade. Dentre eles, podemos citar José Augusto Bellucci, Rino Levi e Ícaro de Castro Melo, que projetaram obras importantes como a catedral, o grande hotel, o cemitério, a prefeitura, clubes de lazer e agências bancárias em Maringá (REGO, 2012; VERRI JUNIOR, 2001), sabendo que na cidade vizinha, Londrina, no mesmo período, trabalharam Vilanova Artigas, Carlos Cascaldi, Leo Ribeiro de Moraes e Francisco Prestes Maia.

A construção da biblioteca contribuía para a modernização da cidade; e, mais que isso, a representação desta modernização era um ponto importante desde o início do projeto (KASPROWICZ, 2014). Assim, o arquiteto expressou essa questão através da escolha dos materiais utilizados: concreto, deixado aparente, e vidro. Em uma cidade onde surgiram muitas residências construídas com a madeira extraída do desmatamento da região, o uso daqueles materiais significava a aproximação da imagem urbana de Maringá com a paisagem moderna de cidades influentes como São Paulo e Curitiba. Em uma cidade agrária, como Maringá, a modernização não estava atrelada à industrialização e a arquitetura do concreto aparente mostrava um contraste desejado, um sinal de progresso.

A catedral, projetada por José Augusto Bellucci em 1958, estava em construção diante do terreno onde seria erguida a biblioteca. O edifício de Bellucci, um cone de concreto aparente de 120 m de altura, circundado por dezesseis capelas piramidais, fazia ressoar a estética do *béton brut*. Assim como na catedral, o material escolhido e a composição cúbica representavam o aspecto moderno da arquitetura no projeto da biblioteca, onde o concreto aparente foi utilizado não apenas nos elementos estruturais, mas também na escada externa, no volume do auditório, na caixa d'água e na base do edifício, cujas superfícies receberam um ornamento em baixo relevo, sobre o qual será tratado mais adiante.

Brisas verticais pré-moldados também permaneceram com a aparência do concreto, instalados sobre a superfície de vidro fumê que fecha os pavimentos superiores - em balanço sobre a calçada, enquanto o pavimento térreo recebeu fechamento em vidro translúcido tipo *U-glass*, o que reitera a ideia de um material industrializado, inovador para a região. A madeira, disponível e abundante, e mesmo a já tradicional alvenaria de

tijolos foram preteridos em favor de uma aparência condizente com a modernização almejada. Contudo, nem sempre esta aparência era valorizada. O próprio Kasprovicz conta que um cliente, depois de várias perguntas dos amigos sobre a falta de acabamento na fachada da obra de sua clínica, mandou rebocar e pintar a empena de concreto aparente, durante uma viagem do engenheiro.

2.2 RELAÇÃO COM O CONTEXTO FÍSICO

O terreno destinado ao projeto da biblioteca é adjacente ao centro cívico, configurado por uma praça implantada no coração da cidade, cercada pelos principais edifícios públicos, nos moldes defendidos pelo *city beautiful*. O lote retangular de esquina é definido pelo cruzamento de duas principais avenidas: o bulevar que conectava a praça da estação ferroviária ao centro cívico - Avenida Getúlio Vargas - e a avenida transversal a ele, voltada para a praça - Avenida XV de Novembro.

Outros edifícios importantes para a paisagem da cidade já faziam parte do entorno do terreno onde se implantou a biblioteca. Segundo Kasprovicz (2014), “era o único terreno que tinha do município disponível. Nos outros já estava tudo construído, estava lá o correio já feito, a prefeitura já estava feita”. Os edifícios contíguos à praça cívica antes da inauguração da biblioteca são a Prefeitura (1967), Correios, Catedral Metropolitana Basílica Menor Nossa Senhora da Glória (1958-77) e edifícios privados, ainda que de caráter público, como o Grande Hotel Maringá (1951-55), de propriedade da Companhia colonizadora, e o edifício Maria Teresa (1961), que marcou o início da verticalização da cidade, com torre de apartamentos e térreo comercial.

Assim, da sacada da biblioteca criada sobre o volume do auditório, é possível avistar os edifícios implantados na praça cívica e seu entorno, além de observar o modo como eles, juntamente à biblioteca, se relacionam com a vasta área pública desenhada por Macedo Vieira, voltando a ela seus acessos principais. No caso específico do Hotel desenhado por Bellucci, além da hierarquia das fachadas (quando voltadas às avenidas, são muros cegos ou permitem apenas acesso de serviço), os salões principais, sacadas e acessos integram-se à praça.

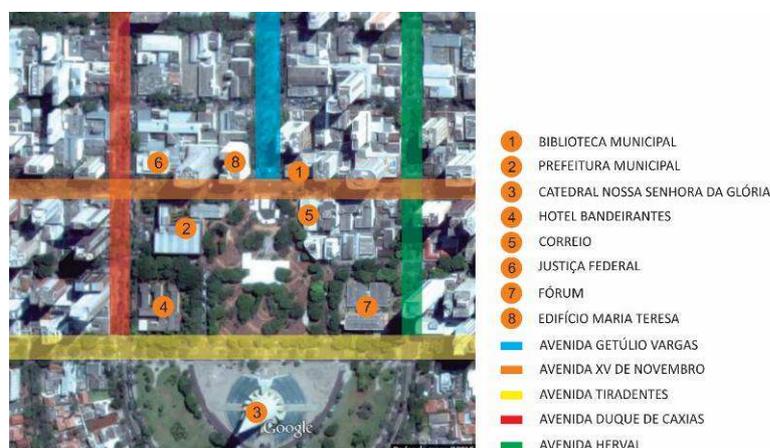


Figura 7: Esquema do entorno imediato. Fonte: Google Maps 2015, editado pela autora.

O lado maior do lote da biblioteca está voltado à praça a sul, fachada essa considerada mais importante pelo projetista, ainda que o bulevar, com 45m de largura e generoso canteiro central, fosse então a via comercial e paisagística mais prestigiada da cidade. A fachada principal mais longa e envidraçada garantiu um aspecto marcante à edificação, definindo seu caráter final. Além de proporcionar a entrada de luz natural, possibilita a comunicação entre espaço interno e externo.

Sobre esse volume de vidro, o engenheiro projetou um conjunto de elementos verticais em concreto, que em um primeiro momento classificou como *brises soleil*:

[...] funciona um pouco como quebra-sol. Não totalmente porque a fachada ali é sul. Mas o sol na época do verão ele não se põe no poente, ele se põe pra fora, pra lá do poente, um pouco mais virado para o sul. E nasce um pouco pra lá do leste. Então aquilo cortava um pouco a incidência de raios solares também. É, juntou o útil ao agradável, um pouco de decoração (KASPROWICZ, 2014).

A solução dos elementos fixos em concreto aparente, como marquises e brises, utilizada como moderadores climáticos foi recorrente nas obras de arquitetos paulistas como Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha - na própria casa do arquiteto - e Ruy Ohtake, como na Residência Nadir Zacarias, publicada na revista Acrópole em 1971. No caso da biblioteca, no entanto, a orientação sul, a pré-existência do edifício vertical vizinho a oeste, e a própria forma e disposição desses elementos, revelam uma intenção mais

plástica que funcional, imprimindo ritmo à fachada que revela a modulação do edifício, subdividindo o vão estrutural em dois.



Figura 8: Brise na fachada sul da biblioteca. Fonte: acervo da autora, 2011.

2.3 ASPECTOS SIMBÓLICOS

Serão identificados os aspectos simbólicos do edifício através do reconhecimento de seu tipo, que para Waisman (2013), pode ser usado tanto no processo do projeto quanto da análise. Quatremère de Quincy (1832 apud ARGAN, 1963, p. 269) define o tipo como “um princípio que pode reger a criação de vários objetos totalmente diferentes”, isto é, uma ideia abstrata pode subsidiar projetos de aspectos não necessariamente semelhantes e, mais ainda, gerar infinitas soluções arquitetônicas distintas (MAHFUZ, 1995). A opção por esse instrumento para a realização da análise parte da definição de Argan (1963) do tipo como formas arquitetônicas carregadas de simbolismo. Ao definir tipo, Waisman (2013, p. 102) acrescenta à ideia de formas arquitetônicas - “organização volumétrico-espacial” - a relação com o entorno, fundamental para a história das cidades latino-americanas, devido às suas constantes transformações e acelerado ritmo de mudança.

No caso da biblioteca, essa relação com o entorno contribuiu na definição de seu caráter. Além de a face sul ser a mais longa - proporcionando, portanto, a maior fachada - a presença da praça cívica condicionou que essa fosse a mais importante: ao voltar os acessos a sul, o engenheiro contribuiu para a definição do espaço público, garantindo que o edifício participe da praça, mesmo separado dela por uma avenida, relação que seria menos direta caso a entrada estivesse localizada na face oeste. A horizontalidade é acentuada pelo ritmo dos elementos verticais e a soltura do volume envidraçado com relação ao plano do térreo. Essas características - horizontalidade, repetição de elementos - somadas à existência da sacada a modo de parlatório, podem aproximar o edifício a uma solução recorrente em palácios governamentais e/ou representativos da administração pública.

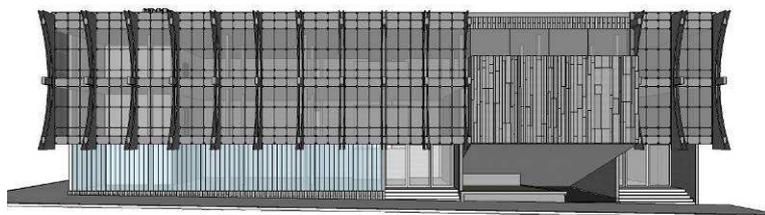


Figura 9: Fachada Sul. Fonte: Modelo elaborado pela autora com base em projeto legal da prefeitura, 2014.

Solução semelhante é encontrada na sede do Poder Executivo Estadual do Paraná, o Palácio Iguazu, projetada por David Xavier de Azambuja em 1951, cuja construção ocorreu durante os anos em que Kasprovicz estudava engenharia civil na UFPR. No caso do Palácio Iguazu há ainda a constituição de um *piano nobile*, que separa o edifício do nível da praça diante dele, conferindo-lhe monumentalidade reforçada por sua implantação isolada no eixo da avenida de acesso ao Centro Cívico.

Segundo Martínez (2000, p. 120), “cada novo desenho tem alguma relação determinável com seus antecedentes”, mas “diferencia-se deles de algum modo e a eles se assemelha de outro”. Nenhum profissional opera sem referências do passado da arquitetura, que são necessárias tanto para a solução de problemas já conhecidos ou novos (COMAS, 1986). Logo, há uma “intuição preparada por um conhecimento prévio específico que informa a

ação arquitetônica em qualquer circunstância ainda que o faça de modo subliminar” (COMAS, 1986, p. 36).

Na biblioteca de Kasprowicz, de menor escala e menor valor simbólico, se comparada ao Palácio, tal monumentalidade não é percebida, apesar da composição semelhante - horizontalidade, ritmo e repetição de elementos, existência do parlatório. O edifício vincula-se à vida pública, se relacionando diretamente com a calçada e, inclusive, a protegendo com seu balanço. Não há, no entanto, isolamento com relação aos vizinhos nem a conexão direta entre a biblioteca e o plano da praça, o que conferiria o distanciamento necessário para o caráter monumental.

2.4 ASPECTOS FUNCIONAIS

Na época de sua inauguração, o edifício abrigou a Secretaria de Obras no subsolo e a Secretaria de Cultura nos pavimentos superiores, ou seja, o espaço destinado à biblioteca se localizava apenas em pouco mais da metade do térreo, que ainda abriga auditório e foyer. Segundo Kasprowicz (2014), os pavimentos superiores acomodariam a expansão do acervo:

Eram áreas para ampliação, porque a biblioteca é um negócio dinâmico. Vai aumentando, vai crescendo, vai modificando, inclusive eu não pus nenhuma parede interna de alvenaria, era todas paredes removíveis, que podiam ou tirar, ou colocar, ou transportar de um lado pro outro pra adaptar aquela ocasião ao que fosse necessário (KASPROWICZ, 2014).

No entanto, observa-se que essa intenção está mais presente no discurso do engenheiro que no projeto: a conexão entre pavimentos acontece por escada de serviço, não destinada a usuários, ou por uma escada externa, o que impossibilita o controle de acesso e, portanto, o controle do acervo, além de esta ser exposta às intempéries. No projeto legal, único documento existente, não há layout proposto para a biblioteca e para as possíveis áreas de ampliação, informação relevante para a compreensão do edifício de planta livre.

O subsolo deveria abrigar garagem e depósito de livros, no entanto, a rampa de automóveis apresentada no projeto - com grande inclinação e, portanto, difícil acesso - nunca foi

construída. Esse pavimento foi totalmente destinado para depósito e, posteriormente, parte do acervo, usos para os quais possui ventilação e iluminação insuficientes. No térreo, o foyer é subdimensionado, se considerada a capacidade do auditório de 170 lugares, apresentando ainda poucas instalações sanitárias, mal posicionadas na planta, com portas que se voltam para o acesso principal.

No espaço destinado à biblioteca, os banheiros estão concentrados no limite norte do terreno nos três pavimentos, junto à escada de serviço, prática que separa os espaços servidores, secundários, do espaço servido, maior e mais importante. A posição do auditório na planta é uma solução sensata para impedir o conflito entre usos da biblioteca, de acesso público e controlado, e foyer, também público e sem necessidade de controle.

Apesar de a legislação urbana permitir a verticalização no centro - o primeiro “arranha-céu” da cidade, com 15 pavimentos, já havia sido construído na esquina em frente em 1961 - o projeto para a biblioteca propõe um edifício de baixa altura.

2.5 ASPECTOS FORMAIS

Composição significa o ato de compor, “colocar junto a’, isto é relacionar partes para formar um todo, decidir qual será a relação entre essas partes” (MARTINEZ, 2000, p. 21). Em arquitetura, a ideia de composição mais aceita e distribuída por todo o mundo ocidental foi desenvolvida na *École des Beaux-Arts* e possui uma tradição acadêmica (BANHAM, 1975), em um processo que começa no todo e se decompõe em partes.

Combinar entre si os diversos elementos, passar seguidamente às diferentes partes do conjunto, este é o caminho que deve ser seguido quando se aprende a compor: quando se compõe, pelo contrário, deve-se começar pelo conjunto, continuar pelas partes e terminar pelos detalhes (DURAND apud MARTINEZ, 2000, p. 20).

Na virada para o século XX, Guadet publicou um tratado de cinco volumes com o título *Éléments et Théories de l’Architecture* que, apesar de aceitar ideias acadêmicas das *Beaux-Arts* - sendo, segundo Banham (1975), “a própria encarnação da academia”, se mostra “funcional, científico e a-estilístico” (BANHAM, 1975, p. 24).

Compor, o que é isso? É por juntas, unir, combinar, as partes de um todo. Estas partes, por sua vez, são os Elementos da Composição, e assim como irão realizar suas concepções com paredes, aberturas, abóbodas, telhados - todos, elementos de arquitetura - estabelecerão sua composição com quartos, vestíbulos, saídas e escadas. Estes são os Elementos da Composição. (GUADET apud BANHAM, 1975, p. 35).

Como a palavra “composição” estava diretamente ligada às ideias das *Beaux-Arts*, o movimento moderno pretendeu provocar uma ruptura no processo de projeto acadêmico, que, para alguns autores, de fato nunca aconteceu (MARTÍNEZ, 2000; COLQUHOUN, 1986, COMAS, 1986). Para Colquhoun (1986), as ideias funcionalistas entendem a composição como uma consequência do programa arquitetônico, que excluía a possibilidade de imitação das formas anteriores e era isento de estilos. O autor ainda afirma que, enquanto os estilos dependem do julgamento de valor da sua época, os princípios da arquitetura - tais como unidade, proporção e escala - são universais e atemporais, ou seja, não impedem a criação de uma nova arquitetura para novas funções. Feitas essas observações, retoma-se a análise formal do edifício da Biblioteca Municipal de Maringá.

De forma prismática regular, a composição da biblioteca foi elaborada a partir da estratégia de subtração e adição de volumes sobre uma ossatura modulada, destacando-se os volumes da escada e caixa d'água e do auditório, cuja inclinação da plateia está em balanço sobre a calçada. A modulação regular da estrutura é percebida na composição da fachada por meio do posicionamento dos brises verticais, sendo interrompida apenas pelo volume do auditório, que ocupa o espaço de dois módulos.

O tratamento dado a esses dois elementos - soltura e independência do volume principal - é recorrente nas composições modernas e brutalistas. Por trás da ideia de “forma segue a função” - conceito não necessariamente moderno, mas incorporado ao discurso de alguns de seus arquitetos - percebe-se no volume da escada um desenho que evidencia a inclinação dos lances e patamares, mesma solução usada por Corbusier, na *Unité d'Habitation* em Marselha ou na *Maison du Brésil* na Cidade Universitária de Paris, e pelo arquiteto Décio Tozzi, na *Escola Técnica de Comércio*, de 1963, para citar apenas três exemplos.

Da mesma maneira, o auditório em balanço permite perceber, através da laje inferior, a inclinação da plateia. Esse recurso foi bastante utilizado e repetido na arquitetura

brasileira desse período - em uma escala monumental, no teatro Castro Alves, projeto de 1960 do arquiteto José Bina Fonyat Filho em Salvador, onde todo o volume do edifício se caracteriza pela existência dessa laje inclinada em balanço. A composição dos objetos de destaque incorpora soluções já conhecidas, ou seja, não são invenções do engenheiro.

Na biblioteca de Maringá, os volumes do auditório, na fachada principal a sul, e da escada, na fachada lateral oeste, receberam um desenho abstrato em baixo relevo na superfície de concreto aparente, detalhe ornamental que já havia aparecido em várias obras do Grupo do Paraná², como a sede da Petrobrás (1968) e da Telepar (1966). Ao invés de se valer da textura da madeira e das marcas das formas como fizeram Artigas e os arquitetos da Escola Paulista, Kasprowicz optou por um acabamento mais refinado e artístico, e, portanto, menos 'bruto' e artesanal, assim como fizeram os arquitetos curitibanos, que frequentemente tratavam as superfícies em concreto aparente com painéis em alto e baixo relevo, contanto inclusive com a participação de artistas plásticos para a elaboração das composições.

Na face sul, o uso dos fechamentos em vidro contribui para a composição de cheios e vazios, contrapondo a transparência dos pavimentos superiores, fechados com vidro fumê sem caixilhos aparentes, com o volume sólido em concreto do auditório. Há ainda o mesmo contraste entre os pavimentos superiores e o térreo, vedado com vidro U-glass translúcido, transmitindo também a ideia de opacidade.

² O Grupo do Paraná foi formado no final dos anos 1950 por arquitetos egressos da Universidade Presbiteriana Mackenzie que se estabeleceram em Curitiba. Para Santos (2013, p. 5), esses profissionais exploraram plasticamente as estruturas e superfícies de concreto aparente, e tiveram reconhecimento nacional principalmente devido ao sucesso em concursos de projeto (PACHECO 2010; SANTOS, 2011).

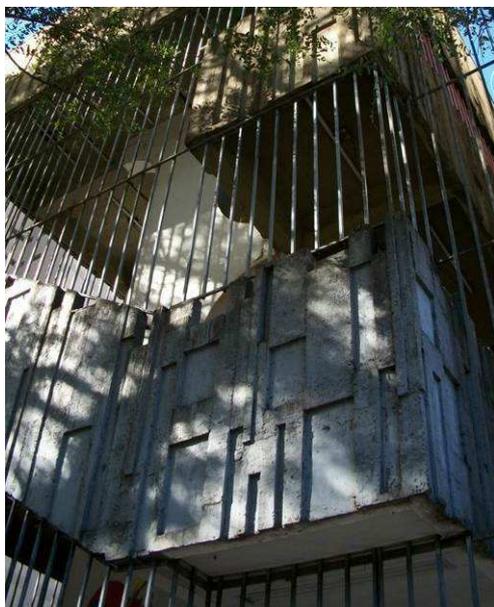


Figura 10: Baixo relevo presente no volume da escada. Fonte: acervo da autora, 2011.

CONCLUSÕES

O trabalho identificou as referências arquitetônicas assimiladas no edifício da Biblioteca Municipal de Maringá. Ao tratar dos conceitos relacionados a esse processo, percebeu-se que as cidades do interior incorporaram a arquitetura realizada nos grandes centros, intensamente divulgada pelo país.

O norte do Paraná tinha a produção de São Paulo e Curitiba como referência para a constituição do caráter moderno, necessário para o empreendimento privado de escala regional realizado pela Companhia colonizadora. Essas referências, no entanto, não eram importadas de maneira literal: mesmo que fossem incorporadas conscientemente, existia a conjuntura de uma cidade nova, com uma realidade tecnológica distinta desses centros, o que repercutia na produção local. As ideias de arquitetura, fora de seu contexto e livres de conceitos ideológicos, sofreram algumas transformações e, nesse sentido, o edifício estudado serve como um testemunho desse processo.

As referências apresentadas não têm a ambição de serem as mesmas que estavam impregnadas na memória de Kasprowicz no momento da concepção do projeto, mas sim de auxiliar na percepção de uma arquitetura comum à época que, de certa maneira, era realizada com aspectos semelhantes em diversos lugares. Essa arquitetura estava presente nas publicações que chegavam a Maringá, ainda que de maneira reduzida e fora de seu contexto.

A análise realizada a partir das cinco variáveis de Aschner Rosselli, que se deu de maneira isolada, deixou clara a interdependência destes diferentes aspectos. A praça em frente ao edifício foi condicionante importante tanto para o contexto físico, ao definir os acessos à biblioteca, quanto para a definição dos aspectos simbólicos, determinando o caráter público e cívico de sua composição. O meio social ressaltou a importância da escolha dos materiais industrializados, cumprindo com a função do edifício de representar a modernidade em uma cidade nova planejada, se aproximando à imagem de grandes centros como Curitiba e São Paulo. Fica clara também a preferência do engenheiro pelos aspectos formais em detrimento dos aspectos funcionais, resultando em um edifício marcante diante da praça cívica, mas inadequado para seu uso proposto.

Observa-se que o edifício da Biblioteca Municipal de Maringá possui referências nas formas modernas e na estética do concreto aparente, tanto da Escola Brutalista Paulista quanto do Grupo do Paraná. Da arquitetura moderna, a solução em planta livre e a separação dos espaços servidos e servidores se mostrou eficiente para a distribuição do programa da biblioteca, enquanto a composição clássica que se utiliza da linguagem e de elementos modernos define o caráter da fachada.

No caso da arquitetura brutalista paulista foram identificados aspectos estéticos das superfícies e dos esquemas de esquadrias, isentas de caixilhos, deixando de lado as questões ideológicas do movimento, fato que vai ao encontro da noção de que aspectos formais e físicos eram rápida e facilmente incorporados, enquanto aspectos conceituais eram dificilmente adaptados. No entanto, percebe-se que o tratamento das superfícies de concreto aparente, com ornamentos em baixo relevo de desenho geométrico abstrato, referencia-se mais nas soluções curitibanas que paulistas.

Nesse sentido, as distintas referências arquitetônicas presentes no projeto, somadas às transformações ocorridas no processo da circulação de ideias, acabaram gerando uma arquitetura híbrida, menos rígida que suas referências originais.

REFERÊNCIAS

- ARGAN, Giulio Carlo. Sobre a Tipologia em Arquitetura. In: NESBITT, Kate (org.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura: antologia teórica (1965-1995)**. Tradução de Vera Pereira. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 267-273.
- ASCHNER ROSSELLI, Juan Pablo. ¿Cómo concebir un proyecto arquitectónico? **Revista de Arquitectura** 05, Bogotá, p. 30-41. Dezembro, 2009.
- BANHAM, Reyner. **Teoria e projeto na primeira era da máquina**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. **Brasil: Arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BONFATO, Antônio Carlos. Jorge de Macedo Vieira: O orgânico e o geométrico na prática urbana (1920-1960). **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v.5, n.2, p. 75-93, nov. 2003.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênesse Andrade. 4 ed. 6. reimp. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- COLQUHOUN, Alan. Tipologia e metodologia de projeto. In: NESBITT, Kate (org.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura: antologia teórica (1965-1995)**. Tradução de Vera Pereira. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 274-283.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. Ideologia modernista e ensino de projeto arquitetônico: Duas proposições em conflito. In: _____. **Projeto Arquitetônico Disciplina em Crise, Disciplina em Renovação**. São Paulo: Projeto Editora, 1986, p. 33-45.
- DELMONICO, Renato. **A arquitetura modernista nas residências de Maringá: Apropriações culturais (1950-1970)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- DUDEQUE, Irã T. **Espirais de madeira: uma história da arquitetura de Curitiba**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 2001.
- KASPROWICZ, Luty Vicente. **Entrevista**. [17 nov. 2014]. Entrevistador: ROSA, Vanessa Calazans da; LOPES, Eduardo Verri. Maringá, 2014. 1 arquivo .m4a (60 min.).
- LUZ, France. **O fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá**. Maringá: A Prefeitura, 1997.
- MAHFUZ, Edson da Cunha. **Ensaio sobre a razão compositiva: Uma investigação sobre a natureza das relações entre as partes e o todo na composição arquitetônica**. Viçosa: UFV, Impr. Univ.; Belo Horizonte: AP Cultural, 1995.

MARTÍNEZ, Alfonso Corona. **Ensaio sobre o projeto**. Tradução de Ane Lise Spaltemerg. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

PACHECO, Paulo Cesar Braga. **A arquitetura do Grupo do Paraná 1957 - 1980**. 2010. Tese (Doutorado em Arquitetura). Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

REGO, Renato Leão. **As cidades plantadas**. Londrina: Humanidades, 2009.

_____. Modernidade no interior: o norte do Paraná, os engenheiros, arquitetos e urbanistas forâneos e a construção da imagem regional. In: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 15 a 19 de outubro de 2012b, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2012.

SANTOS, Michelle Schneider. **A arquitetura do escritório Forte Gandolfi 1962 - 1973**. 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

_____. Do traço ao concreto: Arquitetura brutalista no Paraná. In: X Seminário Docomomo Brasil. **Arquitetura moderna e internacional: Conexões brutalistas 1955-75**. 15-18 de outubro de 2013, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2013.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil de 1900 a 1990**. 2ª Ed. São Paulo: Edusp, 2002.

SCHERER JUNIOR, Charles; CHIAPPINI, Carolina G. Fronteiras Culturais: algumas considerações sobre o tema. **Revista Eletrônica CELPCYRO**, Porto Alegre, 05 de maio de 2011.

VERRI JÚNIOR, Aníbal. **A obra de José Augusto Bellucci em Maringá**. 2001. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

WAISMAN, Marina. **O interior da história: Historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos**. São Paulo: Perspectiva, 2013.